

CONVERSA EM TORNO DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: DIALOGANDO COM A LEI 10.639

CONVERSATION AROUND ANTI-RACIST EDUCATION: DIALOGUE WITH LAW 10.639

<https://orcid.org/0000-0002-8399-3655>  Ana Paula Venâncio

<https://orcid.org/0000-0003-0233-7697>  Allan Rodrigues

<https://orcid.org/0000-0001-7264-3388>  Tiago Ribeiro

^A Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ), RJ, RJ, Brasil

^B Universidade Estácio de Sá – Programa de Pós Graduação em Educação – (PPGE/UNESA), RJ, RJ, Brasil

^C Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), RJ, RJ, Brasil

Conversa em torno de uma educação antirracista: dialogando com a Lei 10.639

Este texto é uma conversa. Foi gestado e pensado como entrevista, mas virou conversa, porque foi encontro, escuta, composição de vozes em uma polifonia regada de histórias, memórias e vivências encarnadas de três educadores em torno de suas trajetórias educativas e formativas, atravessadas pelo racismo, por diferentes violências e silenciamentos.

Ana Paula Venâncio, professora do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ), poliniza o pensar a educação/alfabetização antirracista como modo de luta, como compromisso político e ético com a afirmação da vida, da existência, da corporalidade negra. Os pólenes desse processo são sua prática e história de vida, os desafios vividos com sua mãe, o processo formativo, as descobertas, as apostas pedagógicas em favor da pluralidade e do reconhecimento das crianças como sujeitos inteiros.

Nesta conversa, exprimimos nossas vozes, inscrevemos nossas experiências e corpos. Esperamos que estas linhas possam convocar outros ao desafio de combater a educação brancária e tudo o que ela pode representar de violência e sofrimento.

Tiago Ribeiro: Estamos aqui com Ana Paula Venâncio, professora alfabetizadora antirracista do Colégio de Aplicação do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro e também doutora em Psicologia pela UFF, com uma tese linda intitulada “Alfabetização antirracista: movimentos de pensamentos, experiências e narrativas infantis nas interfaces entre a Psicologia e a Educação”.

Estamos aqui eu, Tiago Ribeiro, e Allan Rodrigues, fazendo essa entrevista/ conversa com Ana para o dossiê **educação antirracista: dialogando com a Lei 10.639**, que aborda a



lei, justamente, que trata da possibilidade, da importância e da necessidade da educação antirracista.

Ana, isso me chamou atenção: você estava nos contando sobre como sua mãe foi uma pessoa importante - eu diria polinizadora - na sua formação como mulher negra. E a resposta marcante dela quando teve que responder sobre sua cor... Ela disse:

– **Você é preta!**

Quando você fala isso, Ana, me recordo de um episódio que eu acompanhei na sua sala de aula, quando eu era estudante da Pedagogia e fazia pesquisa de Iniciação Científica lá. Lembro do episódio de uma criança que pergunta sua cor desesperada, porque ela te admira, te ama como professora, mas alguém falou para ela que a professora era preta e ela, então, ficou apavorada!

Ana Paula: É... isso é muito comum de acontecer...

Tiago Ribeiro: Sim... E por que me chama a atenção? Porque você responde de uma forma em que você não só afirma sua negritude, mas coloca isso como uma marca de orgulho e de positividade. Quando eu te ouço narrar sobre sua mãe, eu vejo a sua mãe nesse seu gesto - diria eu político, junto com Carlos Skliar - e diria Allan, na tese dele, “miúdo político”.

Por isso, eu queria que você pudesse nos contar... falando nessa sua constituição como mulher negra, professora e também já aproveitando para não perder essa linha: sem dúvida sua mãe é uma força, uma presença pulsante na sua formação. E, na sua narrativa, a gente também gostaria de saber que outras pessoas... que outras ideias, que outros encontros te constituíram e constituem...

Ana Paula: Então... Ela, minha mãe, que inclusive está na minha tese. Ela está lá, ela é presença, é axé, porque quando ela traz isso... quando ela me diz dessa maneira sobre minha negritude, Tiago e Allan, ela vai trazendo tudo aquilo que, mesmo ela não sabendo nomear ou ter uma noção histórica disso, ela está trazendo todos esses que vieram antes de nós e ela diz: “**você é preta**”! E ser preta não é algo que eu tenha que arrancar de mim. É porque isso me constitui, a constitui, constitui o ventre no qual eu fui gerada. Então, é muito bacana entender dessa maneira. Eu era muito criança. Aquilo fez sentido para mim não como algo que me assusta, mas para eu aprender. Eu nunca me neguei, mas eu também nunca tinha me perguntado, que é uma outra coisa muito comum nas famílias: não se conversar tanto sobre isso.

Hoje em dia, você já vê se debatendo mais o assunto, mas não era uma coisa comum de se conversar... E é uma conversa na família sobre ser negro ou não ser negro. Isso é muito difícil, sobretudo com as crianças. Então, comigo não foi muito diferente disso, mas naquele momento ela traz a questão e foi essa a resposta. Cresci assim... isso me constitui. E no que é interessante pensar dessa constituição, dessa mulher negra que eu vou me constituir? As violências, as múltiplas violências que a gente sofre e eu vou dizer que mesmo antes de nascer, mas vou dizer de mim enquanto criança...

Na escola, eu já vinha tendo episódios violentos, por conta de ser uma menina negra, preta. Só que eu não sabia nomear aquilo que eu vivia; eu não sabia... Eu sabia que algo me agredia. Quando minha mãe me diz isso, eu passo a me conhecer, eu passo a saber como eu sou. Embora ela não me explique... não me contextualize, eu entendo que eu sou uma menina preta. No entanto, fora do contexto familiar, nós... a criança negra... vai sofrendo múltiplas violências, múltiplas agressões, tanto subjetiva quanto física. E comigo essa questão foi deixando feridas ao longo da vida. Eu, ainda muito criança, fui tendo de aprender muito e fui respondendo de forma violenta àquilo que **me violentava**. Então, se o meu colega na escola me chamava de macaca, me xingava utilizando-se daquilo que me constituía, na minha pretitude, no meu cabelo crespo, na minha boca, no meu nariz..., eu respondia do modo como eu sabia, que eu entendia, que era batendo. Então, eu bati muito, eu bati muito nos outros, eu xinguei muito os outros e aquilo me deixava muito angustiada. Essa violência física também está ali na violência psicológica.

No processo de alfabetização, a violência é muito marcante. Eu fui reprovada porque a minha letra era um garrancho e eu me lembro que a professora disse isso na minha frente, para a minha mãe, que foi uma mulher também violentada na escola. Por que eu trago a escola? Porque ela é uma instituição que a família valoriza. Para a minha mãe, não era diferente. Eu disse que minha mãe era uma mulher analfabeta. Ela queria muito ter estudado e não pôde. Me colocou na escola, valorizou essa escola, escola pública. Uma mulher, nós... uma família paupérrima. E foi com toda a sorte de dificuldades! Mas me colocou na escola... numa luta, numa busca, como o Tiago falou, política também. Porque ela acredita na escola, ela acha que ali é o lugar onde eu vou não só aprender o que ela não pôde aprender para me ajudar, mas onde eu vou “progredir na vida”, como ela mesma falava. Era lá, nesse mesmo lugar, onde eu sofria as piores violências.

Minha mãe também foi agredida na casa de uma família branca aristocrática, da qual ela não teve como se livrar até se casar com meu pai. E quando eu venho ao mundo, eu vou para escola e, aí, eu vou sofrendo múltiplas violências. E minha mãe é aquela pessoa que não sabe como lidar com isso, porque a escola é uma instituição tão gigante na visão dela, assim como na de muitas famílias... a escola é um lugar quase como inacessível, é quase um lugar sagrado.

Então, minha mãe recebeu da professora um comunicado de que minha letra era um garrancho, que eu não sabia escrever do jeito que a escola queria, e ela não teve como reclamar, ela não combateu isso, porque ela ficou... ela se sentiu intimidada, ela se sentiu pequena diante daquilo ali... porque ela também não sabia escrever... E eu só fui compreender **muito** tempo depois como isso é violento.

Eu sofri isso... Eu fui reprovada mesmo sabendo ler e escrever, apesar de ser uma criança questionadora, muito curiosa, falante e sempre perguntando o porquê disso à minha mãe, que não sabia muito como responder. E aí eu fui tentando arrumar, Allan e Tiago, formas - e eu vou sempre referenciar a escola, porque era o lugar onde eu mais sofria as agressões -... eu fui tentando, enquanto criança, criar estratégias de defesa. E eu atacava também, mas eu também tinha que me defender, então eu fui criando, como toda criança, modos não de se esquivar, mas se autoprotger daquilo pelo que a gente vai sendo massacrado o tempo todo.

E assim fui crescendo... E fora da escola eu tenho, sim, Tiago e Allan, pessoas que muito me ajudaram. E eu também faço minha reverência todas as vezes em que eu agradeço pela minha existência. Pessoas que me ajudavam... me levavam... pessoas pretas, do movimento negro, que me levavam para as suas casas e colocavam uma música preta para eu ouvir, colocavam um artista negro para eu conhecer. Me levavam para lugares onde eu me sentia pertencente, mesmo não entendendo todos esses processos. Porque é isso. De uns anos para cá, as crianças têm desenho com personagens, com mais personagens negros para ver... Você conversa mais, o diálogo está mais alargado. Não quer dizer que não haja racismo, mas você tem um diálogo mais alargado. Na minha época, não havia. Os referenciais não eram negros... histórias negras existiam, mas não existiam ao nosso alcance. Não havia isso, então eu tive algumas pessoas pontuais e importantes que me apresentavam esses personagens, cantores... Essas pessoas foram muito importantes.

Em um determinado momento da minha vida, na adolescência, foi mais difícil, porque esse foi um momento de negação... Eu neguei a mim mesma muitas vezes, imitando hábitos e

jeitos que eram maneiras de eu negar a mim mesma: não gostando da minha cor, do meu jeito, do meu cabelo... Com isso não quero dizer que não se pode alisar o cabelo... Hoje em dia, se eu quisesse alisar meu cabelo, eu alisaria, mas eu teria consciência do que eu estaria fazendo. Na adolescência, não! Eu sei que eu alisei meu cabelo porque meu cabelo era duro e eu não gostava do meu cabelo duro. Que eu tinha que parecer menos negra possível de alguma maneira. Eu fiz isso, eu pratiquei isso comigo mesma! Nesse tempo da adolescência, eu sabia o que eu não queria ser. Eu não queria ser uma menina negra, porque os meninos negros e meninos brancos não namoravam com meninas negras. Não queriam ficar perto de meninas negras, então eu não queria ser negra, porque eu queria ser igual às outras meninas que eram paqueradas...

Então, houve um período, sim, na adolescência e isso é um sofrimento... isso é muito sofrido, mas eu neguei minha negritude sim... Foi no momento em que eu mais me senti sozinha flutuando; sozinha não no sentido de que eu tenha abandonado as pessoas que me ajudaram, mas eu queria outras coisas; eu queria outros *rolês*. Minha mãe, sempre trabalhando muito, me via alisar cabelo, achava aquilo também uma coisa comum... Eu passar um henê no cabelo, espichar o cabelo com ferro quente, chapinha... Tudo isso eu fiz, porque eu sabia o que eu não queria: ter o cabelo duro! Isso é uma formação dolorosa, mas ela é uma formação.

E aí, quando eu entrei para o curso Normal - eu ainda estava na adolescência -, conheci meu marido. Eu namorei muito pouco na minha vida, muito pouco mesmo e conheci ele, num rapaz negro. Quando eu o conheci e ele me paquerava, e eu dizia assim: "Esse rapaz não quer nada comigo não". Veja como é perverso, como o racismo é perverso! Eu não acreditava em mim mesma. Me achava uma menina feia, uma menina sem atrativos. Então, eu nem achava que aquele moço estava me olhando com interesse. Foi bem difícil eu acreditar que alguém, bonito como ele era e é até hoje, estivesse olhando para mim, uma menina negra, uma menina sem ter o cabelo grande louro, de jogar paara lá ou para cá... Eu não achava que isso pudesse acontecer...

Tiago Ribeiro.: Ana, te ouvindo, eu me lembrei de um conceito que foi criado no contexto do grupo de pesquisa Oralidades, lá da UFF, coordenado pela Luiza Oliveira, que é sua orientadora. Eu estou trazendo esse conceito aqui, porque, para mim, é uma das coisas mais contemporâneas e importantes, em termos de criação conceitual, que eu conheço na área de educação, pelo menos nos últimos anos, que é a ideia de **educação brancária**; ideia que o Daniel Oliveira tece na conversa entre Paulo Freire e Fanon. Um diálogo que traz para a gente

o conceito de educação brancária. E ela, a educação brancária, produz violência como você está trazendo: simbólica, subjetiva e física.

E então eu lembro que, apesar de minha passabilidade - que eu tenho por conta do colorismo -, também sofri bastante. Mesmo com minha passabilidade, sendo filho de mulher negra, tenho um traço que eu reconheço em mim como negro, que é o meu nariz. E eu sofri muito preconceito por causa do meu nariz. O pessoal chamava de nariz de preto, falava que tentaram achatar, mas acabou a força. E eu lembro que, na infância, eu tomava banho e apertava o nariz com muita força, numa tentativa de afiná-lo com os dedos, segurava o nariz com o polegar e o indicador, apertava, colocava pregador de roupa escondido nele. Tudo parte de uma formação brancária, cheia dessas violências de que você falou: a ausência de um referencial positivo da pretitude na escola, seja em literatura ou outros referenciais. E quando havia era aquela literatura, por exemplo, em que o negro era mostrado como monstruoso ou escravo. E aí você traz uma coisa, Ana, que é de uma violência tão grande, que na Psicologia vai ser justamente um trauma muito forte. Então, a gente, diante de um trauma muito forte, simplesmente a nossa defesa é se desconectar...

Ana Paula .: Sim... É por aí...

Tiago Ribeiro: Não poder ver a própria beleza é resultado, para mim, de uma educação brancária. E por que que eu te peço licença para entrar com esse parêntese? Porque, com a sua prática, com a sua experiência, eu acho que com toda essa sua narrativa, você vai trazendo elementos, princípios e pressupostos de uma educação não-brancária. E, assim, a escola tem todos esses problemas que a gente conhece, mas tem também aquela dimensão do que faz a vida brotar... O que eu quero dizer é que, apesar de todas as questões, a escola tem Ana Paulas. Se não tinha Ana Paulas lá atrás, há pessoas que ajudaram a constituir esse olhar positivo que a Ana Paula nos traz. Por isso, eu te pergunto: já no Normal, você encontrou alguma professora que polinizou essa Ana Paula? Como foi esse encontro? Nos conta um pouco dessa escola Normal? Em termos de educação, você já trouxe a sua mãe como uma figura chave, uma força, uma potência... E em termos de ser professora, de ensinar, em que momento foi ficando mais evidente, para você, que não bastava ensinar a criança que b com a é bá, mas necessitava ensinar, ou melhor, provocar, convidar a criança a perceber que ela era bonita na sua existência, que ela era uma afirmação de uma vida que vale a pena, que é legítima, de uma beleza singular, enfim... de tudo isso que você nos ensina tanto, Ana? Queria

que você contasse dessas malhas que vai traçando e trançando esse tapete que é a sua prática, que é um tapete africano lindo e antirracista...

Ana Paula: Nossa, que lindo! Esse tapete tecido por tantas falas aqui. Tão bonita sua fala, Tiago como sempre... Eu me perguntava muito: “A escola é lugar de sofrimento? Não é possível, não é possível que tenha que ser um lugar de sofrimento.”. Só que eu não conhecia outro lugar, outro momento. A escola, até o momento em que eu estudei, tinha sido um lugar de sofrimento... e eu dizia para mim: “não é possível!”... E, no Normal, eu continuei fazendo essa pergunta. Só que lá no curso Normal, eu não encontrei referenciais que dissessem o contrário, que afirmassem a possibilidade de todas as crianças aprenderem, a seu modo e em seu tempo. “Todas as pessoas podem aprender”. Pelo contrário, lá no Normal, eu encontrei aquilo que a escola aprendeu durante anos a fazer com muita maestria: separar quem podia e quem não podia aprender. Então, eu me vi de novo quando criança, eu não podia aprender. Porque corpos pretos, como o meu, eram lidos como corpos incapazes de aprender, incapazes de acessar o saber das letras. Isso era afirmado muito no Normal, não com esse tipo de palavras como estou dizendo aqui, mas era... E, então, eu me via quando criança o tempo todo lá no Normal. Eu pensava assim: “Caramba, o que estou vendo aqui era o que eu sofri lá. Não é possível! Eu não posso continuar a acreditar que a escola é isso, porque eu não quero isso para mim!”. Então ali, Tiago, nesse sentir, eu fui rompendo. No Normal, eu fui questionando aquele processo que eu vivi de sofrimento e fui tentando buscar uma outra coisa, que eu não sabia o que era... Havia pessoas ali que me ajudavam? Diretamente, não, mas aquelas pessoas que me ajudaram lá atrás - e eu incluo minha mãe - foram pessoas importantes. Eu tive amigas que, quando eu era criança, diziam o tempo todo, faziam ao revés, sabe? Ajudavam nisso de trazer o que você falou, Tiago: a positividade de mim mesma. Do meu ser! É muito difícil, isso é muito louco. Na cabeça de uma criança, é muito louco, no sentido de ser confuso mesmo. Porque o tempo todo é dito que o corpo preto é um corpo que tem que ser eliminado. Que é o corpo preto não presta! Tudo o que não presta está na gente! O corpo preto é aquele que não dá para nada. O corpo preto é aquele que não aprende. O corpo preto é o que tem mais dificuldade... O corpo preto é o que tem cabelo ruim...

O tempo todo a pessoa vai aprendendo que o cabelo duro é um cabelo ruim. E se é ruim, quem quer ter um cabelo ruim? Eu não queria! A gente aprende que a pele preta é aquela que ninguém quer para namorar. Quem quer ser preto? Que a mulher preta... que a garota preta é a que fede, quem quer?

Então, tudo isso gera uma coisa muito difícil de ser rompida. E isso a escola endossa, traz com força nas suas múltiplas práticas subjetivas e objetivas. E a sociedade, o social também. Porque a minha mãe me dizia assim: “Bota o cabelo dessa maneira!”, mas era para que eu não sofresse com ninguém. “Se arruma direitinho!” – de novo, para que eu não sofresse com ninguém. Então, tudo isso a gente vai aprendendo, sabem, Tiago e Allan? Isso se torna um aprendizado. É negativo? É negativo e, ao mesmo tempo, esse tipo de conselho, embora não seja positivo, é protetivo. Porque minha mãe tentava me proteger. As pessoas com quem eu me relacionava tentavam me proteger, ajudando-me a pensar na minha negritude.

Preciso dizer que há uma coisa que a gente vai chamando de um pacto, que hoje eu posso dizer, hoje eu sei nomear melhor: há um pacto na branquitude, na e da branquitude, muito perverso na cabeça da criança, que vai se tornando um adolescente a não se ver como ser. Então, não à toa, Tiago e Allan, vocês já devem ter ouvido ou presenciado um adulto negro, seja ele um homem ou uma mulher, dizer: “Me descobri negro ou negra agora”. Depois de adulto. E então, essa pessoa, se ela não for bem cuidada, ela cai num abismo de sofrimento; em consequência vem tudo na cabeça. Então é perverso. São muitas camadas de sofrimento...

Então, lá no Normal, não. Eu não tive muita ajuda direta... eu fui combatendo pelo que eu via, pelo que tinha em mim de aprendizado anterior, das pessoas anteriores. O Normal só afirmava que corpos pretos, que crianças pretas, como eu fui, eram mais bagunceiras. Diziam de tudo aquilo que eu um dia vivi... e pelo que também fui chamada, entendeu? E eu tinha que romper com aquilo. Mas não sabia como, porque isso não é ensinado, isso a gente não vê!

Allan Rodrigues.: Eu acho que a Ana traz isso e mexe um pouco com todos nós. Porque é curioso, porque eu de fato só me descobri negro depois de adulto. Eu acho que eu já estava no mestrado, na verdade... Olha o tamanho da lacuna! Quando eu estava na UFF, tinha uma disciplina chamada “Educação e Relações Étnico-raciais”, na qual eu fiquei reprovado. E eu me lembro do Augusto, o professor da disciplina, isso na UFF em Angra dos Reis, na graduação em Pedagogia. E aí o Augusto chegou para mim e falou assim: “Mas você ficou reprovado na disciplina...”. E eu dizia para o Augusto: “É, mas é uma disciplina qualquer, como qualquer outra”. E o Augusto dizia: “Estranho, né?, você como um homem negro não ter uma empatia com a disciplina”. E eu olhava para a cara dele. Eu me lembro

disso perfeitamente... Eu olhava para a cara dele e dizia: “Mas do que é que ele está falando?”

Somente depois eu fui entender que, naquele momento, não era só uma questão de empatia, mas era um processo de negação. Porque, de uma certa forma, as leituras, as provocações... eu acho que, na verdade, eram dois momentos. Primeiro de negação: “Bom, não sou eu esta pessoa, porque negro é somente a pessoa negra retinta, então eu sou uma pessoa morena”. E, num segundo momento, de não compreensão mesmo. Do que ele está falando?

Eu morava numa casa. A gente não chamava de república. A gente chamava de casa. E lá tinha um menino, o Adrian, que é meu amigo até hoje e é um homem negro. Eu cheguei com essa história, dizendo que o Augusto tinha me questionado pela reprovação. Então, o Adrian ficou me olhando e falou assim: “Mas você nunca foi vigiado em alguma loja? Você nunca percebeu?”. E eu negava: “**Jamais!** Eu nunca fui observado e nada”. Então, o Adrian falou: “Mas eu sempre sou observado quando eu chego lá...”. Ele morava em São Gonçalo e dizia: “Mas eu sempre, quando chego em algum mercado, em alguma coisa, eu sinto as pessoas me olhando. Você nunca percebeu isso?”. E eu dizia: “Não, mas isso não acontece comigo”... A negação.

Então, depois... outras coisas acontecem e vamos nos dando conta. Parece que é uma avalanche e tudo vai aparecendo para você. “Meu Deus! Isso aconteceu e eu não percebi! Isso aconteceu e eu não percebi!”. Até que, em um momento, no grupo de pesquisa de que eu fazia parte, da Alexandra Garcia, aconteceu alguma questão nesse sentido... Isso já na Faculdade de Formação de Professores da UERJ, no mestrado, e a Alexandra vira para mim e fala assim: “Mas Allan, você não pode dizer isso, você é um homem negro!”. E aí eu olho para ela num dado momento, eu olho para ela e aí parece que tudo... Aquele momento da alfabetização. Tudo começa a fazer muito sentido. Aí eu falo: “Meu Deus, é verdade!”. E aí começo a perceber meus relacionamentos com homens brancos. A negação em relação aos meninos negros. O corpo negro sempre assim... “Ah! É um encontro rápido, eu não vou namorar esse menino, só vou namorar **aquele** menino [branco]...”.

Enfim, então acho que começam a aparecer algumas coisas, e o nosso olhar também começa a ficar muito aguçado. É uma coisa que aconteceu comigo. Tem acontecido. Esse foi o meu processo, de começar a perceber esses olhares lançados pela sociedade. No lugar onde eu chego, da forma como a pessoa fala com você... porque, em um momento, uma fala pode

passar despercebida, sim... Mas, com o olhar aguçado, muitas coisas não passam mais despercebidas. Um exemplo disso é que, na semana passada, eu estava na casa de um amigo, lá em Copacabana. Nós passamos o réveillon juntos... com outros amigos. E aí, o Diego, meu amigo, falou assim: “Ah! Amigo, vamos lá embaixo comprar bebida, comprar cachaça”. Falei, “Vamos”. Descemos. Depois, voltamos. Na volta, uma senhora entrou no elevador com o cachorro. Ela cumprimentou outra mulher branca... da zona sul do Rio de Janeiro e disse: “Boa noite! [incompreensível]. Animados para o ano novo?”. Muito simpática, a princípio. Então ela virou para mim e disse assim: “Nossa, mas como que ele é alto, né? Ele pode ser um segurança...”

Ana Paula: Caramba...

Allan Rodrigues: “...E ele, inclusive, parece um amigo meu que as pessoas diziam que era o meu segurança...”. Eu fiquei sem resposta... e o Diego, apesar de ser um homem branco, olhou para ela e falou: “Não, ele não é um segurança. Ele é um professor doutor de uma universidade. Boa noite!”. Ficamos mudos até o décimo andar. Eu fiquei estarecido. Eu que devia ter dado uma resposta, não consegui. Porque é isso: você começa a perceber como é que as pessoas se sentem autorizadas a dizer da forma que... a mostrar seu racismo...

Hoje eu percebo assim. O Allan de quinze anos atrás não perceberia assim. E ainda iria rir, mas, naquele momento, eu fiquei assustado e o Diego tomou uma atitude. Ao sairmos do elevador, me perguntou assim: “Você, está bem? Está tudo bem? Você quer voltar e dar uma outra resposta?”. E eu falei “ Não! Deixa eu respirar um pouco...”. Enfim, eu acho que é isso que você está dizendo, Ana Paula, porque a sua fala me impactou. Com outro colega, que é o Luis Paulo, fizemos uma entrevista com a Nilma Gomes. E a Nilma disse o seguinte: “Muitas vezes, o que as famílias negras não contam, de certa forma, é para proteger a gente também, de certa forma”. Primeiro, essas famílias não sabem muito como lidar com essa situação, então elas preferem negar. Há um abismo aí, uma lacuna... Ela dizia que, na formação das famílias negras no Brasil, justamente pelo pacto da branquitude, você não conta o que que acontece. A Nilma dizia isso, muitas vezes era um ato de sobrevivência dessa família não contar sobre o que que acontece...

Ana Paula: É um ato de sobrevivência, e concordo com a Nilma, porém, quando eu vejo, quando lembro do que a minha mãe fazia comigo, eu vou dizer que é também um ato de proteção. E eu só fui entender o que a minha mãe fazia comigo como proteção, Allan e Tiago, muito tempo depois, quando eu comecei a questionar por que o racismo sempre estava

presente, sendo sentido, vivido, desde muito criança. Como eu disse, eu tive que me proteger, criar estratégias de proteção para mim mesma muito cedo. Eu só não sabia nomear. Eu atacava, batendo nos outros, porque eu sentia muita raiva. Quando alguém me xingava naquilo que eu sou, usando a minha cor, meu cabelo, me tirando de mim mesma, eu não sabia que a criança ou meu colega estava sendo racista, mas eu respondia batendo, porque era tanta raiva que eu sentia... No entanto, eu não sabia nomear. Então, as famílias, como a minha, tentam nos proteger; é uma forma de proteger, porque isso é muito sofrido. Não há outra palavra, eu não consigo arrumar, eu não consigo pensar em outra palavra a não ser sofrer.

Você sofre!

Você sabe o que eu estou dizendo e o Tiago também. É um sofrimento... E ele é um sofrimento, que ele não passa de uma hora para a outra, como uma dor de cabeça que você toma um remédio e ela melhora. Aquilo fica ali, aquilo gera outros sentimentos, gera outros sentidos. Então, assim, é por isso que a gente não pode deixar que ninguém desqualifique essas dores, provocadas pelo racismo, como mi-mi-mi, como estavam dizendo por aí: “Ah! Tudo é racismo!...”. Porque isso é algo que mexe com questões muito profundas, psicologicamente falando, e questões físicas também! Porque pessoas se suicidaram, porque esse corpo negro não se sentia pertencente, tamanha a dor. E muitas vezes ela não está por fora, somente. Ela está por fora e por dentro. Contudo, na maioria das vezes, muito mais por dentro. E as nossas famílias vão tentando criar estratégias de proteção, para que seus filhos não sofram tanto. E assim eu vou entendendo um pouco as atitudes da minha mãe. Mas voltando ao processo formativo...

Allan Rodrigues: Eu só quero voltar um pouquinho... Porque isso me deixou... e isso é uma coisa que tem me chamado bastante a atenção. E você contou da sua mãe e, rapidamente, eu percebi as mulheres da minha família. As mulheres negras da minha família. Primeiro, porque as mulheres negras da minha família sempre foram muito severas, tanto do ponto de vista de lidar com a vida, quanto do de lidar com a própria família. Eram muito exigentes e duras. Na verdade, da minha mãe para cá, das minhas tias para cá, acho que essa composição tem sido mais afetiva. Contudo, na criação da minha mãe, das primas da minha mãe, ou seja, a geração da minha avó, das minhas tias avós, elas sempre foram muito rigorosas e protetoras também. E eu tenho buscado muito isso pelas minhas tias e pela minha mãe. Minha mãe tem uma ferida enorme com a minha avó, porque minha avó claramente dizia: “Eu não gosto de você”. Hoje eu digo para minha mãe: “Minha avó talvez não gostasse

de você, porque você era uma mulher que botava a cara à tapa. Era uma mulher à frente também do seu tempo, foi mãe solo... Enfim, tem toda uma questão também que você precisava olhar como é que vovó também lidava com isso, que foi uma mulher também largada muito cedo e com onze filhos, né?”

Essas mulheres negras vêm carregando também muita dor e a forma de educar, talvez por isso - eu vou usar essa palavra -, talvez por isso não seja tão amorosa. Eu nunca vi, por exemplo, a minha avó ou as minhas tias-avós fazendo carinho nos filhos, fazendo carinhos nos netos... apesar de sempre muito protetoras...

Ana Paula: Mas também, Allan, vamos contextualizar isso aí! Vamos pensar um pouco lá... Tentar pensar um pouco na época dessas mulheres. Porque minha avó também tem o mesmo perfil de uma mulher muito rigorosa. Eu acho que a rigurosidade que elas trazem tanto no corpo, quanto na fala, nos gestos, no modo de educar, no modo de tratar e de enfrentar a vida, do meu ponto de vista, humildemente falando, pensando e refletindo aqui, é também no sentido da proteção. Essas pessoas, essas mulheres, sobretudo, no tempo em que elas viveram... Imagina! Se hoje a gente fala... vive... denuncia o machismo, o patriarcado, esse patriarcalismo tão forte, dessa figura tão masculina em tudo... Muitas vezes, nossas mães, nossas avós tiveram que assumir também a criação de filhos, ser uma mulher que enfrenta, que tem que falar muito alto, que se colocam (e hoje em dia são tidas como barraqueiras).

Muitas mulheres das nossas vidas, desses nossos antepassados, tiveram que arrebentar na própria carne... e ser, muitas vezes, lidas como aquilo que elas não queriam ser. Quem não gosta de ter o seu corpo, o seu ser sendo afetuosamente acariciado? Ter um espaço-tempo de afeto, de carinho, de se sentir acolhida? Essas mulheres não tinham tempo, às vezes, para pensar. Elas tinham que agir e ainda combater todas essas formas racistas que estavam em volta. Então, elas tinham que criar também estratégias de proteção aos seus, para suas crias. E enfrentar o mundo lavando roupa, cozinhando para os outros, gritando com filho, batendo e assim vai... Olha...

Allan Rodrigues: É assim...

Ana Paula: Sabe... as formas, que a gente diria hoje mais rudes de viver... É como se essas pessoas não pudessem vislumbrar viver e sobreviver a tantas demandas pesadas. Que, se hoje a gente acha pesado o que a gente vive, eu fico imaginando naquele tempo, no qual as tecnologias não eram como as de hoje, no tempo em que as pessoas tinham que viver

artesanalmente, ainda mais para sobreviver. Enfim, então, eu louvo a essas pessoas, embora a gente não saiba o que essas pessoas passaram. A minha avó viveu cento e seis anos, lúcida, mas eu não posso imaginar o que que a minha avó teve que fazer nessa vida para viver. E ela era esse tipo de mulher austera, dura. **Dura mesmo!** Ela não sorria... Você sabe o que é uma pessoa não sorrir? Ela não sorria, porque ela tinha que ser aquela mulher que trabalhava, que dava duro em casa, que criou os filhos. Que momento de afeto essa mulher descreveria que teve na vida? Eu não sei te dizer, porque eu não tive tempo de perguntar a ela, nem ideia...

Então, se, nas nossas famílias, é muito comum as mulheres rirem alto, falarem alto..., isso a gente tem que valorizar, porque isso é ancestral, isso é nosso, é do nosso povo! Se as mulheres andavam com seus cabelos, com seus vestidos, com suas unhas... Ou não, igual aquelas que só tinham uma roupa para vestir dia e noite... E tinham que fazer as suas mandingas para poder viver, valorize! Porque isso é nosso, isso é nosso, isso da gente, isso é a nossa gente! Porque a gente foi aprendendo a achar feio, a gente aprendeu a achar feio... e qual é a desconstrução? Ou qual é a construção... falando da Pedagogia e da Educação? É fazer a alfabetização antirracista... é trabalhar com as crianças essa boniteza que é a vida da gente. Não é o b com a, ba. Não é isso! Não é pegar a palavra africana e montar um alfabeto africano e dizer que está fazendo alfabetização antirracista...

Lógico que isso eu poderia fazer... Colocar lá um monte de palavra africana, afro-brasileira e dizer que tem uma sala de aula antirracista. A primeira alfabetização que eu aprendi... e eu vou dizer: só nomeio desse jeito porque eu tive muita ajuda, muita ajuda. O Normal não trouxe essa ajuda... Eu fui buscar. Então, eu tive pessoas na minha formação pós-Normal que me ajudaram a perceber a mulher preta que sou e a me constituir nessa mulher que eu sou. Então, assim, eu saio do Normal e vou buscar outras situações... de pessoas brancas, inclusive, que muito me ajudaram. Eram pessoas brancas que sabiam, que tinham noção da sua branquitude, mas que, ao mesmo tempo, também me ajudavam a pensar na minha pretitude. Então, isso foi importante sim...

Por isso, cito algumas aqui. Tiago Ribeiro é contemporâneo, mas é uma pessoa que me ajudou muito. Jaqueline de Fátima dos Santos Moraes, que é uma mulher branca, mas foi uma professora que muito me ajudou quando eu terminei o curso Normal. Eu fui fazer o adicional e, já naquela época, trabalhava com alfabetização. E ela não falava “crianças pretas”; ela falava “crianças das classes populares”. E nessas crianças das classes populares estava eu. Só que, assim, eu vim da classe popular, mas eu sou uma mulher negra, então eu sou da classe

popular, mas primeiro eu me nomeio negra. Ela não falava isso, mas ela me ajudou a pensar sobre isso. Enfim, várias pessoas. Posso citar aqui até a Carmem Sanches, que, na sua branquitude, também me ajudava um pouco a pensar sobre isso.

Eu não posso dizer de uma única pessoa, numa dimensão política. E vale dizer que havia pessoas que não eram negras e que me ajudavam a pensar nessa minha pretitude, nessa negritude, na minha constituição. E muitas pessoas negras..., porque eu sempre busquei, na minha formação, estar próxima daquilo que me pertencia. Então, eu terminei o Normal, fiz graduação e fui fazer pós-graduação. Fiz duas pós-graduações. Uma sobre a História do negro e a História da África. E fui para o movimento negro ainda nesse tempo. Enfim, eu fui trabalhar aquilo que já estava em mim. Fui trabalhar de forma política mesmo. E estava me constituindo, porque a gente vai se constituindo... e tomando conta disso, se apropriando disso. Ia compreendendo que meu cabelo não era ruim, que minha pele preta não era de piche, que meu nariz não era de batata, que meu beijo... Sim, beijo. A palavra “beijo”, para a gente negra, ela é quase um xingamento. O modo como o outro falava da minha boca - “Essa beijuda” - era um xingamento para mim. Mas beijo, nós temos beijos carnudos, beijos que trazem histórias de nossos antepassados, que tinham uma boca grande, uma boca carnuda.

Então, eu fui aprendendo a me constituir como uma pessoa negra, como uma mulher negra, de dentro para fora e de fora para dentro. Em um bem querer a mim mesma... Porque eu passei muito tempo sem me querer, sem me ver, sem me sentir. E isso foi se entranhando também na minha prática, como professora. E, de uns anos para cá... porque não tem muitos anos em que eu venho assumindo uma perspectiva de alfabetização antirracista. Na verdade, eu me lembro que eu já trabalhava antes, mas não tinha assumido esse nome, não tinha essa consciência. Então, eu me constituo como professora, mulher... vou me constituindo como pessoa negra, um ser negro que está neste mundo, uma mulher negra que é alvejada, perseguida, porque é um corpo negro numa sociedade que quer eliminar corpos negros e que, portanto, enfrenta tudo isso. Hoje em dia, com mais compreensão do que se está fazendo...

Tiago Ribeiro: Te escutando, Ana, me saltam aos sentidos algumas coisas que, para mim, são dimensões muito importantes nessa educação/alfabetização antirracista. Primeiro, eu quero lembrar uma coisa: quando a gente fala das nossas avós, quando a gente fala das durezas mesmo das nossas avós, é importante a gente lembrar, ainda mais, que essa conversa se destina a um dossiê que fala do aniversário de uma legislação importantíssima, que é a Lei 10.639. Ela trata da obrigatoriedade de se abordar História e Cultura africana, afro-brasileira e

indígena na Educação Básica no Brasil, justamente no desafio de recuperar fatos e manifestações importantes que compõem cenários positivos e afirmativos da riqueza e beleza dessas culturas. E as Leis falam de seus tempos e contextos históricos também, do que estamos vivendo, do que uma sociedade vive. Então, eu quero lembrar que a Lei Áurea - que uns dizem que acabou com a escravidão, e eu digo que jogou os negros na rua à própria sorte, porque foi isso que ela fez. -, eu quero lembrar que ela é de 1888. O meu pai nasceu em 1942. O que eu quero dizer com isso? Na década de 1940, essa Lei não tinha nem sessenta anos! Então, os avós de nossos pais, todos, vivenciaram o período da escravidão... Não temos dimensão do que é isso!

Então, a gente precisa ter em mente sempre - e é importante trazer para este dossiê, marcar essa fala -, porque essas mulheres estavam abrindo, como diz o poeta Manoel de Barros, o horizonte à faca. Elas não conheceram outro modo que não a violência institucional. É claro que, entre os seus há afeto, mas eu estou falando de relação institucional, de reconhecimento enquanto sujeito na sociedade. Nem como sujeito de direito elas eram reconhecidas!

Ana Paula: Exatamente...

Tiago Ribeiro: Então, elas deram o que elas podiam dar. E por que eu estou trazendo isso? Porque o regime escravocrata impôs a quebra de laços, a separação de famílias, o abafamento de afetos. Não é à toa que a Modernidade produziu fratura entre a racionalidade e a afetividade. Por quê? Porque sabem muito bem que, através do afeto, a gente alcança outras conexões, outras dimensões do sujeito em sua integralidade, como um todo... Então, você precisa racionalizar o processo para tentar conseguir compreender. Quando a Ana Paula vai para a escola, ela ainda não está fazendo o registro cognitivo do que é o racismo, porque ela viveu outras relações com a mãe em casa, mas você traz como sentia isso, porque o corpo sente, o corpo sabe, o corpo conhece, o corpo aprende. Então, você fica ainda naquela fratura: eu estou sentindo algo aqui, mas isso não é discutido. Então, você ainda tem uma outra violência, que é a violência do colocar em cheque o seu próprio sentir, como se você operasse fora da realidade... “Não é racismo; é coisa da sua cabeça.”

E aí é isso o que a Ana nos traz... porque eu vejo tudo isso saltar na tua fala, Ana Paula. Eu sinto dois princípios da alfabetização antirracista. O primeiro é: o antirracismo é plural e é ecológico. Não é negar outras afirmações e modos de existir, não. Isso é importante dizer aqui. O antirracismo é plural e ecológico porque não quer deixar ninguém de fora,

sobretudo os negros que são historicamente deixados. Não é trocar seis por meia-dúzia e não é revanchismo histórico. Outro dia eu li e quase caí para trás, que muitos movimentos sociais queriam revanchismo histórico. Então, Ana, você está falando dessa dimensão. Quando eu te escuto, eu sinto essa dimensão de que o antirracismo é plural e ecológico. E outra dimensão, é que essa alfabetização antirracista afirma a alteridade positiva do sujeito negro, que é negada historicamente pelos padrões estéticos vigentes e racistas. Isso é tão importante, porque é a possibilidade de a gente se olhar no espelho e se ver. E não ver o que falta em relação àquele modelo imposto que a gente tem que chegar nele. Ana, desculpe por estar me alongando tanto, mas eu queria chamar a atenção para essas duas dimensões que ficam fortes na sua fala, já que você está falando de uma educação antirracista.

Eu acho que é importante você deixar aqui marcado. Eu posso falar como quem acompanhou a sua prática por mais de cinco anos. Não é que a gente deixe de fora a questão dos conhecimentos, do cognitivo, dos “conteúdos”, mas é que isso também está a favor de uma formação integral do humano em conexão, inclusive, com o não-humano, com o que é natureza, com o que é o animal. Quando você faz um projeto, com as crianças, sobre inseto, o combinado é que eu não posso matar o bicho para levar para a escola, porque o ser humano não está acima da vida, ele não pode decidir o que mata ou não mata. E esse é um ensinamento também da educação antirracista. A vida é um bem precioso que a gente precisa cuidar. Então, eu estou falando de um terceiro princípio: a vida como um bem precioso que há que cuidar. Eu gostaria de te ouvir continuar sua narrativa, chamando atenção para isso: “Olha, essa professora aqui não está jogando os conhecimentos e “conteúdos” fora. Eles estão lá, mas a abordagem é outra”. Porque a gente não cinde, mas essa educação não deixa fora o sentir, a afetividade, a emoção... Quando um aluno disse que o outro tinha “cabelo de Bombril”, você, em vez de dar sermão, convidou todo mundo a conversar e sentir os cabelos na roda, tocar o Bombril, experienciar e sentir...

Ana Paula: Muito bom, Tiago! Então, você falou e eu fui anotando aqui algumas coisas. À medida que a gente, Allan e Tiago, quando a gente vai percebendo o nosso ser enquanto gente, sua história, sua ancestralidade. Quando a gente pensa isso é muito interessante. No período do doutorado na Psicologia da UFF e com a conversa que eu já vinha tendo com a filosofia, eu fui buscar a filosofia africana. Quando eu fui e comecei a ler e estudar um pouco do saber filosófico oriundo de um saber africano... Nossa! Eu mergulhei tão profundo naquilo... e eu já vinha fazendo um pouco daquilo, mas não sabia por que eu fazia.

Quando fui me inteirar desse saber filosófico ancestral das filosofias africanas, sobretudo da filosofia bantu, dos povos bantus. Eu me encantei. E então me encontrei e compreendi melhor um pouco da minha prática. Isso não é só para a prática. Isso é para a vida. Isso é para os nossos fazeres.

Posso te responder que um pouco do que a gente faz, sem nem mesmo saber o porquê de fazer tem a ver com os nossos avós, nossos tios, nossas matriarcas e o que eles fazima. E aí a gente vai entender um pouco dessa história, dessas filosofias africanas que esses povos trouxeram para a gente. E aqui, nessas terras, escreveram através de seus saberes, sejam eles oralizados, um saber oral, um saber que está na comida, na folha, que está lá no candomblé, nas nossas religiões de matriz, está na terra. Esses saberes estão aí, mas muitas vezes a gente não sabe o que são.

Lendo um pouco, eu fui entendendo um pouco da minha prática. Foi muito bonito isso. Porque eu fui entendendo um pouco do porquê eu fazia uma roda, do porquê eu gosto da roda... Roda, uma roda onde acontecia isso que o Tiago falou: o garoto vai lá e fala um negócio, faz um relato, e a gente vai discutir, vai sentar numa roda, vai pensar junto, vai escutar. E são vários princípios que eu fui vendo que já estavam ali. São princípios ancestrais. De uma ancestralidade que eu não sabia que estava ali em mim, mesmo sem eu buscar essa referência. Então, nesse período, fui buscando e fui trazendo cada vez mais forte isso para a minha prática. Então, Tiago, sim! Para os nossos povos, a nossa antiguidade africana, os nossos ancestrais! Os nossos ancestrais que vieram para cá não se viam fragmentados. O ser fragmentado é uma coisa ocidental. E esse Ocidente perverso, *maafa*, que é uma palavra também da filosofia africana... essa *maafa*... esse ambiente que nos mata. E que tenta matar esses saberes que são nossos, que vêm da nossa antiguidade negra, que tenta nos fragmentar. Os saberes africanos dizem que nós somos inteireza. Esse é um princípio importante: nós somos inteireza, nós não somos fragmentos.

Porque dizem nossos corpos pretos não deveriam nem estar existindo... Porque é um corpo sem alma, desalmado, é um corpo feio, é um corpo disforme. Para o pensamento ocidental, o corpo branco é o modelo. O corpo negro é a doença, é um desvio, é o que não tem nem humanidade. Então, nós somos o que? Um vazio, oco, sem nada... Então, por isso não deveríamos nem existir, para o pensamento ocidental-cristão.

Então, o primeiro princípio da alfabetização antirracista é afirmar que somos inteirezas. Fui ensinada pela Azoilda Loretto da Trindade, que hoje não está mais entre nós,

que nós não construímos. Os nossos antepassados... eles não construíram; **eles constituíram**, porque eles estavam aqui, pensando, fazendo, lutando... fazendo, **sendo! Sendo** o tempo todo. Então, nos constituímos. E é diferente de construir, porque o que se constrói você pode destruir, né? Desconstruir, que é o tempo todo o movimento do Ocidente, querendo nos limar. Por isso, todo saber africano foi desvalorizado desde sempre. Ou então roubado, pilhado para se ter uma outra autoria, que era a europeia. Inclusive, a filosofia, que tem o seu nascedouro no Kemet e depois filósofos estrangeiros, europeus, iam lá beber os saberes e dizer ou assinar como seus.

Por isso, a inteireza do nosso ser enquanto seres negros, pessoas negras, humanos negros, porque somos desumanizados o tempo inteiro, desumanizados. Tentam nos desumanizar de todas as maneiras. Então, resgatar o pensamento de inteireza que nos constitui é importante. A outra questão ou princípio que eu persigo é o da escuta. A Alfabetização antirracista é escuta, porque vai muito nessa questão do afeto, sabe, Tiago? É uma dimensão que eu também vou trazer aqui.

O que que é você ser escutado/escutada? Para uma criança negra, vou te falar da criança porque é com quem eu trabalho... A criança negra, ela é escutada em que momento na escola, por exemplo? Em momento nenhum, eu vou dizer. Eu fui uma criança negra silenciada, mas eu procurei falar. E eu não falava aquilo que eu queria. Eu repetia as palavras dos outros, porque a palavra do outro era ouvida e a minha não. Então, eu repetia o que o outro falava. Isso era uma estratégia de proteção. Eu fiz muito isso. Eu repetia exatamente o que os meus colegas falavam, porque eles falavam o que a escola ouvia, porém o que eu falava não era ouvido, não. Contudo, se eu repetisse o que o outro dizia, talvez fosse. Então, a criança negra... ela é ouvida? Quando? Como? Em que circunstâncias?

Por isso, a roda é outro princípio. É um princípio ancestral africano mesmo. A roda é escuta. É se escutar... é escutar o outro e se escutar. E esse momento da roda de conversa - em que Tiago teve participação e com o qual muito aprendi, aprendemos juntos ali -, esse momento se alicerça em um princípio que o Nêgo Bispo falava... fala até hoje, porque ele não está vivo mais na matéria, mas está vivo nos nossos saberes: a roda é princípio e nunca fim; é princípio e meio. Nunca - e ele usava a palavra nunca - fim. Ela é princípio e meio, porque é isso, ela vai e volta; a conversa vai e volta, e a gente se olha, a gente se escuta, a gente olha e escuta o outro e se escuta ao mesmo tempo. E isso vai e volta... É uma energia que circula.

Isso é um princípio de trabalho na alfabetização antirracista. Sim, você pode estar aí me perguntando, Allan, e os conteúdos? Eu vou chegar neles.

Nessa questão da escuta, a gente também afeta. Afeta no sentido de afeto, porque, quando eu escuto o outro, a palavra do outro me forma, mesmo que essa palavra me agrida. No sentido prático mesmo. Já teve ocasião de eu chegar numa roda e dizer: “Eu sou uma professora negra...”. E ouvir: “Não, professora! Você não é negra. Não, professora! Não! Não!...”. De certo modo, quando aquela criança diz que eu não sou negra e não quer que eu diga que eu sou negra, eu estou afetando aquela criança. De alguma maneira, no entender dela, eu a agrido, porque eu poderia ser morena, eu poderia ser marrom, chocolate, amarelinha, sei lá. Mas negra? Nunca, porque negra é uma ofensa. Então, a criança diz: “Não, professora, não!”

Por isso, é um trabalho orgânico e te afeta. Para trazer, para essa criança, que a minha cor não só me constitui, como eu gosto dela, como eu me amo sendo eu mesma, da minha cor, com o meu cabelo, o meu jeito... É uma constituição! O que ela fala quando ela diz que eu não sou negra também me afeta. No sentido do afeto, porque eu gostaria que ela me visse e não me agredisse, porque quando ela diz que eu não sou negra, ela também pode estar se sentindo agredida... E eu também poderia me sentir agredida. É delicado isso... isso tudo envolve **afetos**.

E é sim, Tiago. É plural e ecológico, porque afeta a nós todos numa roda. Então é um princípio, a roda é um princípio. Ela é escuta primeiro; é escuta. A gente precisa escutar. A escola não escuta, a escola passa por cima, ela não escuta. Então, o primeiro conteúdo prático de alfabetização antirracista é a conversa, é a escuta, é a gente conversar. Só nisso já estão todos os conteúdos de leitura e escrita. A gente escuta e lê o outro na sua inteireza. Seja ele negro ou não-negro. A gente lê e escuta, lê o outro e escuta o outro. Está *inscrevendo* e escrevendo nossas histórias nessa roda. Isso, para mim, é conteúdo, isso é racionalizar conteúdo. Quem pensa que conteúdo são só aquelas listas de coisas que estão lá, de forma acabada? Eu trabalho com conteúdo numa dimensão muito mais alargada.

Então, a escuta, o diálogo e o afeto. O afeto dimensiona outras coisas, sobretudo isso do escutar e da formação. Dessa formação que não é individual, mas é uma formação coletiva. Nos nossos princípios ancestrais africanos, é tudo coletivo. A minha singularidade, como eu aprendi nos grupos de pesquisas, a singularidade, ela está comigo. Eu sou eu; eu não sou o Tiago. Mas agora, aqui, eu estou no Tiago, assim como o Tiago está em mim. Eu estou no

Allan, assim como o Allan está em mim. Então, essa singularidade também é coletiva, porque em mim se constituem outras pessoas que estão nesse rolê de formação comigo.

A alfabetização antirracista, antes de ir concretamente para um papel e a criança escrever, convida-a a ler o mundo, e ela precisa se ler e se escutar. E escutar outras pessoas, para se escutar, se escrever, num mundo que é esse e que não pode ser o mundo da perversidade, do racismo, da fragmentação... Então a criança, na alfabetização antirracista, ela se escreve, ela se lê e lê o mundo numa dimensão que extrapola essa questão ocidentalizada de: “Eu estou competindo comigo e com o outro”. Uma competitividade o tempo inteiro. De ser melhor, de ser o eu, de ser só eu, de só me ver, de ser, de ser aquilo que é e vai sobressair frente ao outro. Que é o melhor que outro, que o cabelo que joga para lado é que é o bom, que o meu é o ruim. Essa coisa dicotômica que o Ocidente nos ensina desde sempre e que a gente aprende. E eu digo a gente, porque, em algum momento, eu também cometo racismo. Em algum momento eu também cometo certos preconceitos. Por quê? Porque eu sou uma mulher nascida numa cultura capitalista, patriarcal, branca, eurocêntrica, que tem um modelo de gente que pode existir e falar. Eu sou quase uma exceção por estar aqui viva e falando, me formando. Que tudo para mim é um sacrifício. E eu digo “para mim”, mas esse “mim” não é o “eu”, né? Mas é todo um conjunto de sujeitos.

E não é solitário. Eu posso não ter junto ali comigo outras e outros companheiros fazendo... mas eu não estou solitária. Eu tenho as crianças, com quem eu aprendo mais do que ensino. E é um pouco isso que eu vou falando na minha tese, afirmando a nossa corporeidade negra como inteira e não como fragmentada. E essa nossa corporeidade negra é escuta. Ela é escrita e leitura ao mesmo tempo. Ela está no mundo para ser escutada. Então, a criança, na roda de conversa, ela primeiro aprende a dizer a sua palavra e a escutar a si e ao outro, numa composição coletiva e que é singular também, ao mesmo tempo.

Assim, eu vou me formando também junto com elas, as crianças, e junto com outros. É uma formação onde eu me constituo como um ser negro. O eu negro está sempre nessa constituição formativa, com autoras e autores negros que hoje a gente acessa e reverbera. Com a literatura infanto-juvenil negra, porque eu sou contadora de histórias e eu faço questão de fazer isso nas minhas aulas.

Allan Rodrigues: Para a gente não finalizar, mas abrir para outras encruzilhadas, como nos convida Exu, gostaria de escutar suas palavras em tom de despedida e quero pedir para falar um pouco, assim como você abriu essa conversa, para quem possa ler este texto

entender que você não vai ser antirracista de um dia para o outro. Você não vai ser menos preconceituoso de um dia para o outro, mas você vai, aos poucos, entendendo quem você é enquanto educador, nesse movimento. Que você possa, ao mesmo tempo que finalizar, abrir a nossa gira novamente.

Ana Paula: Então vamos lá! Com o movimento de Exu, como você falou, Allan, com esse movimento bonito que é viver uma experiência profissional com as crianças, é sempre muito bonito. E é sempre muito gratificante com os ibejis, aprender com eles, com esses tantos movimentos, é muito bonito. É sobre ver o caminho que Exu apontou, sobretudo na minha pesquisa por meio de uma criança, foi muito lindo! Isso é uma história que está lá na minha pesquisa. E, numa ocasião, que a gente se encontre e faço questão de contar, porque foi através de uma criança que Exu apontou esse caminho. Um caminho de pesquisa assim... caminho entenda como movimento de pesquisa. Foi muito bonito, eu entendi o chamado e lá na minha tese eu bordo, Ele está lá. Eu pedi permissão, e a criança me autorizou. E eu abro a pesquisa com ele, laroyê saudando Exu.

Tiago Ribeiro: Exu Veludo...

Ana Paula: Exu Veludo... É ele mesmo. Então, para finalizar, Allan, antirracista significa luta! É... ser antirracista significa que eu estou numa luta contra o racismo. Eu admito o racismo na escola: há racismo na escola. Então, o que, eu como professora, como docente, como mulher negra faço, que movimento é esse que eu faço no lugar onde eu trabalho? De combate? É através da alfabetização antirracista, com as crianças. Então, é com elas. Fazer, trabalhar numa perspectiva na qual elas, sobretudo as crianças negras, reconheçam o racismo dentro da escola e aprendam a combatê-lo, dentro e fora dela. Aprendam a se proteger e aprendam a combatê-lo. Porque a gente precisa combater a educação brancária, que o colega traz, por meio desse conceito bacana que ele traz nesse diálogo... Ele é um professor de História, então ele vai trazer na perspectiva da História, como é que a História é escrita. Numa perspectiva brancária mesmo. Como é que o saber histórico brasileiro é escrito nessa perspectiva brancária e como esse ensino vai afirmando esse lugar brancário de ensinar, de trabalhar com a própria História?

Nesse mesmo grupo, eu vou trabalhar a alfabetização antirracista, como luta. Combate ali dentro da escola, que a criança negra saiba se proteger e combater. E a criança branca saiba que ela faz parte de um pacto que a protege, que a privilegia e que ela precisa saber que o que

ela fala, que o que ela traz de fala muitas vezes é racismo. Ela precisa entender o que é racismo. Para que ela não cometa esse tipo de ato criminoso, mortífero e aniquilador de vidas.

Então, é antirracista porque isso é luta. Se essa luta vai ter fim? Não sei se ela um dia vai ter fim. A gente gostaria que sim. A gente quer viver numa sociedade onde não haja homofobia, racismo, na qual não haja formas correlatas de matanças. Porque, para mim, isso são formas de matar o outro. Não só fisicamente, mas, como eu disse, subjetivamente também. Mas é isso. Eu não quero que minhas crianças sobrevivam na escola. Eu quero que elas vivam plenamente, **vivam plenamente!** E esse viver implica todos esses princípios que eu disse a você aqui anteriormente... Se escutar, falar, de ser inteiro... e não ser fragmentado.

Portanto, a minha pesquisa não traz fragmentos, ela traz vida. E eu aprendi isso com o Tiago: traz a vida, porque é isso: eu quero viver e as crianças também. Eu não quero que a criança negra viva combatendo o tempo inteiro, com medo. Eu quero que ela viva. Eu quero que, dentro da escola, que é onde eu estou, ela viva. E são essas vidas potentes que estão lá na minha pesquisa e que nos ensinam tanto... e são coisas muito lindas.

Termino com uma figura imaginativa, que para mim é significativa. Imaginem uma pedra, pois Exu é pedra também. Uma pedra e nela nascendo uma flor, porque a pedra, para os saberes de matriz africana, nas religiões, a pedra tem vida. Tudo tem vida, inclusive a pedra. A pedra não é pedra à toa. A pedra é pedra porque ela tem vida. Ela tem um Deus que está ali naquela pedra e, por isso, nasce flor. Então, uma flor na pedra... Sou eu e são todos esses saberes exuzeantes que as crianças trazem para nós.

Salve, salve! Muito obrigada por esse momento. Gratidão, Allan, por ter lembrado de mim, me convidado para esta conversa. Gratidão, meu Tiago amado, querido... Que a gente se gosta

Tiago Ribeiro: E este poema, de minha autoria, se chama “Da Mulher”. Ou seja, sobre a mulher, porque é evidente, na fala de Ana, como estavam mulheres lá, ajudando a transfigurar e transformar. E foi como também se deu com a gente. Isso foi uma coisa das nossas pesquisas, que a gente se deu conta. Como, na composição de uma alfabetização antirracista, as mulheres estão lá, com a cabeça na luta. Por isso, o poema...

da mulher

na soleira da vida, a mão

de uma mulher

é que abre a porta.
há paredes, muros, barreiras.
há muita opacidade e ausência de luz,
mas a mão
de uma mulher
é que abre a porta,
é que abre o mundo.
o mundo aberto:
o segundo mundo
a segunda casa
o segundo lar.
o primeiro é sempre
o corpo de uma mulher.
o ventre - portal de mundos.
ao ser mundo,
se é também multidão:
quem é primeira casa e primeiro mundo
(de tantos)
nunca anda sozinha,
não:
no passo de uma mulher
mora uma aldeia,
uma linhagem,
um quilombo.
Uma linha infinita de um tempo espiral
que canta, balança
e brinca.
no passo de uma mulher,
o tempo descompassa.
no acontecer da vida que pare vida,
as marcas são de sangue
(sangue ventre vida)

e memórias.
das pegadas da mulher -
escritas de corpo n'areia -
jorram histórias de heranças...
e ancestralidades.
uma pegada deixada na terra fofa
é mais que uma pegada deixada na terra fofa.
tem tanta literatura e poesia na pegada:
é que o passo de uma mulher
reúne mundos...
e é sempre também outra coisa
de si mesmo.
ou algo assim como um infinito se abrindo
e multiplicando horizontes.
as histórias não cabem na rima.
às vezes, não estar no verso
é ser maior que o verso...
e o tamanho de cada mulher
– e de seu passo –
transborda qualquer poema.
Axé! Obrigado às nossas pretas!

(Tiago Ribeiro)